

## A necessidade de uma política radical

Entrevista com Ricardo Antunes



“Eu diria que nosso desafio, hoje, para sairmos dessa armadilha da política tradicional, por uma lado, e da antipolítica, por outro, é retomar o exercício da política radical”. A afirmação é do pesquisador Ricardo Antunes,

docente na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em entrevista exclusiva, por telefone, à *IHU On-Line*. Chávez e Morales, na América Latina, estão exercendo maneiras de contraposição ao tabuleiro dominante, exemplifica. E arremata: “Somos desafiados a exercitar posturas alternativas”. Questionado sobre a colonização da política pela economia, da qual fala o sociólogo Francisco de Oliveira, Antunes pondera que as lutas sociais, capazes de realizar a política radical, extra-institucional, é que podem “descolonizar a política”. Em seu ponto de vista, o socialismo é um tema digno de reflexão em nossa época.

Antunes é graduado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), mestre em Ciências Sociais pela Unicamp e doutor na mesma área pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese *As formas de greve: o confronto operário no Abc paulista - 1978/80*, publicada sob o título *A Rebelião do Trabalho (O Confronto Operário No Abc Paulista: As Greves de 1978/80)*. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1992. Fez pós-doutorado pela Universidade de Sussex, na Inglaterra, é livre-docente pela Unicamp, com a tese *Adeus ao Trabalho? (Metamorfoses no Mundo do Trabalho e Dimensões da Crise do Sindicalismo)* e Professor Titular em sociologia do trabalho com a tese *Os Sentidos do Trabalho*. 9ª edição. São Paulo: Boitempo, 2005. Escreveu e organizou 30 obras, das quais mencionamos *O que é sindicalismo*. 19ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999; *Desertificação Neoliberal no Brasil*. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2005; *Um Esquerda Fora do Lugar*:

*IHU On-Line* - Alguns intelectuais descrevem a realidade como um esgotamento da política. Qual é sua opinião a respeito? Quais as conseqüências desse esgotamento para a arena política brasileira?

Ricardo Antunes - É claro que a política hoje, tal como vem sendo desenvolvida, dá sinais de envelhecimento. Mas eu não diria que esse envelhecimento significa seu esgotamento. Eu diria que nós temos, por um lado, o exercício de uma política tradicional, realizada pelos partidos dominantes. Ontem o PSDB, anteontem o PMDB, hoje o PT. Eles, na verdade, são expressão dessa política tradicional. O mensalão, por exemplo, que começou antes do governo atual, mas que o atingiu, é a expressão dessa política tradicional.

Por outro lado, nós temos também, dado esse desgaste da política, o exercício de um movimento antipolítico, que recusa a política. Esse movimento se expressa hoje na idéia de que todos os candidatos são iguais, a política não tem mais alternativa. Eu diria que nosso desafio, hoje, para sairmos dessa armadilha da política tradicional, por uma lado, e da antipolítica, por outro, é retomar o exercício da política radical. Ou nós exercitamos uma política distinta daquela polarização à qual eu me referia há pouco, ou ficamos prisioneiros daquele movimento. Nesse sentido, penso que é possível o exercício de uma política radical.

#### Contraposições na América Latina

No caso latino-americano, por exemplo, estamos presenciando pelo menos duas experiências que dão sinais de que isso é possível, no seio, inclusive, da luta política mais geral. São, em termos de postura de governo, os exemplos da Venezuela e da Bolívia, com Chávez e Evo Morales, que estão exercitando, no próprio aparelho do Estado, formas alternativas de se contrapor, digamos assim, ao tabuleiro dominante.

No plano das lutas sociais são vários os exemplos. Há o movimento dos piqueteiros na Argentina, as fábricas recuperadas também nesse país, os cocaleros e os indígenas, camponeses da Bolívia, a luta dos trabalhadores venezuelanos, do povo venezuelano para repor Chávez no poder quando ele sofreu um golpe de direita, o movimento zapatista... A própria forma de luta feita pelo MST no Brasil, ao longo dos anos 90, teve uma expressão muito forte e que se mantém até hoje, ainda que o movimento tenha dificuldades. Esses são os movimentos que acredito caminharão no sentido de uma política que chamo de radical, alternativa à armadilha da política tradicional.

Claro que é possível perceber que a economia tem tolhido o espaço da política, mas não creio que esse tolhimento, essa blindagem da economia à política, não tenha alternativa. Nós somos desafiados a exercitar posturas alternativas.

*IHU On-Line* - Quanto a esse tolhimento da política pela economia, pergunto qual é sua posição sobre a afirmação do sociólogo Francisco de Oliveira à *IHU On-Line* 192, de 21 de agosto de 2006, dizendo que a economia colonizou a política.

Ricardo Antunes - Chico de Oliveira é nosso amigo, parceiro e, mais do que isso, nosso mestre. Ele é um dos nossos gigantes. Não temos muitos gigantes, mas Chico certamente é um deles. Acho que ele “põe o dedo na ferida” ao dizer que a política se encontra colonizada pela economia. Essa metáfora é muito forte. O mundo da economia maculou o mundo da política. Porém, só há uma forma, e é aí que eu faria a minha pequena distinção quanto ao Chico: a economia coloniza a política, e quem pode descolonizar a política é a radicalidade das lutas sociais. É isso que, de algum modo, Chávez vem fazendo, mas na verdade é o povo venezuelano que dá impulsão política ao governo Chávez, são os cocaleros, os camponeses, os trabalhadores despossuídos da Bolívia que dão impulsão ao Morales. Ao nacionalizar os recursos naturais, se não tivesse força popular, teria sido derrotada. Por que ele não caiu? Porque tirá-lo do poder

significa uma afronta aos milhões de votos que ele teve e que estão dispostos a defendê-lo. Este é o desafio. Nós descolonizamos a política na medida em que faz com que as lutas sociais tenham uma dimensão extra-institucional. A política institucional está colonizada. A política extra-institucional, que é a política radical, é a forma de descolonizá-la.

*IHU On-Line* - Na obra *A questão democrática*, Mac Pherson<sup>1</sup> afirma que a apatia política dos cidadãos é reforçada por uma estrutura partidária configurada justamente para manter esse sentimento. Pensando no Brasil, como é possível conciliar a democracia representativa e sua inevitável estrutura partidária, com esse sentimento de cansaço expresso entre o eleitor?

Ricardo Antunes - A política partidária está, hoje, em grande medida, sua estrutura partidária, presa aos limites da política institucional. Isso significa que, se queremos romper com a política tradicional sem cairmos na antipolítica, mas na política radical, os partidos estão desafiados, no século XXI, o que Marx<sup>2</sup>, chamou no século XIX, de criar um “partido político distinto”. O PSOL exercita hoje alguma coisa nessa direção, junto com a frente de esquerda. Ele tenta sair desse aprisionamento que estão, de um lado, PT e a frente que o apóia, e de outro lado, PSDB e PFL, exemplos da velha forma de fazer política. Se o PSOL e a frente de esquerda, com o PSTU, PCB que estão juntos nessa ação serão capazes de desenhar, começar a rascunhar uma política alternativa, esse é o desafio. A questão que se coloca é que, se os partidos estão muito arranhados, muito maculados, machucados por serem parte da engrenagem da política tradicional, nós ainda não temos uma outra ferramenta que possa nos fazer considerar os partidos como irrelevantes.

#### Movimentos sociais com impulsão política

No caso da Rússia, para dar um exemplo aparentemente muito distante do nosso, em 1905 nasceram os conselhos chamados *soviets*<sup>3</sup>. Esses *soviets* eram um embrião de uma organização de massa, popular, de espírito comunal, que impulsionou as lutas sociais. Ao longo das últimas décadas do século XX vimos o nascimento de alguns movimentos sócio-políticos no mundo, com essa mesma envergadura radical. Os dois mais expressivos foram o movimento zapatista e o MST, movimentos que não eram partidos, mas eram movimentos sociais com forte impulsão política. É mais ou menos nesses termos que temos que pensar. Quais serão os partidos hoje, radicais, capazes de serem simultaneamente movimentos sociais e políticos capazes de romper esse aprisionamento de que fala o MacPherson, esse é o desafio.

<sup>1</sup> **Crawford Brough Macpherson** (1911–1987): cientista político canadense, autor de *A democracia liberal. Origens e evolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978 e considerado teórico da democracia liberal. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> **Karl Heinrich Marx** (1818–1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> **Soviet**: conselho operário composto por membros da classe trabalhadora, que regula e organiza a produção material de um determinado território, ou mesmo indústria. Este termo é comumente usado para descrever trabalhadores governando a si mesmos, sem patrões, em regime de autogestão. O soviet surgiu pela primeira vez na Revolução Russa de 1905, embora tenha havido esboços desta forma de organização durante a Comuna de Paris. A partir de sua emergência na Rússia, os conselhos passam a ser teorizados por Rosa Luxemburgo e principalmente pelos chamados comunistas de conselhos. (Nota da *IHU On-Line*)

*IHU On-Line* - Quem sai beneficiado e quem sai prejudicado do atual governo?

Ricardo Antunes - Beneficiados? Os bancos. Veja que, há duas semanas, Olavo Setúbal<sup>4</sup> deu uma entrevista à *Folha* dizendo que os programas de Lula e Alckmin são idênticos. Para os bancos, qualquer um dos dois é certeza de vitória. Então, o primeiro setor vitorioso do governo Lula são os bancos. O segundo, na mesma proporção, são os grandes industriais: a siderurgia, a petroquímica, a grande indústria pesada, que está nadando em dinheiro. A Companhia Siderúrgica Nacional é expressão disso. As empresas que foram privatizadas ao longo da década de 1990, naquilo que chamei de a “era da desertificação neoliberal”<sup>5</sup>, são o segmento que está sendo muito beneficiado no governo Lula. O terceiro segmento beneficiado com o atual governo são os sindicalistas, que no passado eram parte do “novo sindicalismo” e hoje são parte do envelhecido “novo sindicalismo”, parte dele que se apoderou dos aparelhos de Estado e hoje está aí, nos fundos de pensão, ou nos organismos dos conselhos das estatais e está se locupletando em dinheiro. Se você considerar muitos sindicalistas que, há 15 ou 20 anos estavam na CUT, nas lutas sociais, hoje eles estão completamente incrustados dentro do aparelho de Estado, como gestores dos fundos públicos. Repito, muitos estão beneficiados. O quarto setor que, entre aspas, se beneficia, mas é um benefício aparente, píffio, é o contingente de pouco mais de dez milhões famílias que recebem o Bolsa Família. É um pagamento, em média, de R\$ 50 mensais. É ridículo, irrisório, um assistencialismo de assustar os assistencialistas verdadeiros, uma vez que despolitiza a classe trabalhadora, incentivando-a a aceitar como natural a condição de desemprego.

#### Desemprego e empregos precários

Como o governo Lula tem uma política econômica pró-juros altos e pró-grandes capitais, sua política de emprego é pífia. Quando ele diz que criou seis milhões de empregos, não está dizendo que grande quantidade desses empregos criados é de trabalho precário. Ninguém elegeu Lula em 2002 porque ele dizia que iria criar dez milhões de **empregos precários**. A mistificação de Lula em 2002 é que ele disse que iria criar dez milhões de empregos. Ele não só não criou os dez milhões de empregos como criou muito emprego precário no Brasil. É verdade que há, também, um outro movimento de pequeno aumento de empregos formais. Mas isso tem a ver muito com a oscilação da economia brasileira. É evidente que, se o Brasil está crescendo 2,5% e passa para 3,5%, esse 1% a mais no crescimento significa incorporação de um contingente enorme de trabalhadores. Entretanto, isso ainda é muito aquém do necessário.

#### Quem perdeu com o governo Lula

Quem perdeu com o governo Lula? Perderam a classe trabalhadora em geral, com seus salários num processo de relativa diminuição, e os assalariados médios. Perderam, também, os funcionários públicos, muito machucados pelo “saco de malvadezas” do governo Lula. Nos primeiros dois anos do governo Lula houve um reajuste fiscal assemelhado em sua dureza ao governo FHC. Durante alguns anos o governo petista chegou a dar 0,1% de aumento para o funcionalismo público. Isso é um acinte, especialmente vindo de um governo que se dizia representante do funcionalismo e dos trabalhadores!

Os trabalhadores rurais também saíram perdendo. A política de assentamentos de Lula é pior, e mais modesta do que a do FHC. Não houve nenhum enfrentamento da questão agrária, não se tocou na estrutura agrária da terra. Ao contrário, se aumentou a concentração de terra. A política

<sup>4</sup> **Olavo Setúbal:** banqueiro brasileiro, dono do Itaú. As *Notícias Diárias* do sítio [www.unisinios.br/ihu](http://www.unisinios.br/ihu) reproduziram em 13-08-06 a entrevista “*Não tem diferença do ponto de vista do modelo econômico. Eu acho que a eleição do Lula ou do Alckmin é igual*”, originalmente publicada pela *Folha de São Paulo* nessa mesma data. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> Aqui o entrevistado faz menção à sua obra *Desertificação Neoliberal no Brasil*. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

dos transgênicos é outro exemplo. Lula cedeu inclusive nesse aspecto. Foi um governo que causou uma enorme decepção para o povo brasileiro.

Alckmin, uma saída grotesca

Trata-se de uma grande contradição, e a decepção só aumenta. E as pessoas se perguntam como, apesar de tudo isso, Lula vai ser eleito. Os dados hoje indicam isso. E vai acontecer porque a alternativa do PSDB e do PFL com Alckmin é grotesca, pífia, é a oposição ainda mais à direita. A política está prisioneira do centro. PT e PSDB são dois lados de uma mesma moeda no sentido literal. Temos que desmontar essa política de centro.

Acabo de publicar um livro chamado ***Uma esquerda fora do lugar. O governo Lula e os descaminhos do PT***. Campinas: Autores Associados, 2006. O PT tornou-se uma esquerda fora do lugar. Nasceu no campo da esquerda, *lato sensu*, mas acabou migrando ao longo dos anos 1990 e 2000 para o centro. O PSDB também é um partido de centro. Então a disputa entre eles, hoje, é uma disputa nesse espaço. O desafio é rompermos com isso, e passa, hoje, por um debate entre a candidatura de Heloísa Helena, que cresce, chegando a 12%, aumentando em várias capitais do país. Temos, ainda, que dialogar muito com o voto nulo, o voto que é duplo. Há um voto nulo mais conservador, que diz “todos são iguais portanto não voto mais”. Tem o voto nulo mais à esquerda, que significa dizer “este desenho não nos serve”. É muito importante que a candidatura de Heloísa Helena consiga dialogar com este voto nulo, para mostrar que, quando você tem uma candidatura fora do binômio presente no centro, essa candidatura pode crescer.

*IHU On-Line* - Então os eleitores do voto nulo podem migrar para Heloísa Helena?

Ricardo Antunes - Certamente. Até porque ela tem sido o único discurso distinto dos demais. Lula fala da Bolsa Família, tem um discurso de marketing: é a marketização da política. O PSDB é a mesma coisa. Alckmin é um político sem passado, presente e futuro. Seu passado em São Paulo é a sombra do Covas (aqui sem ironia), e não tem sequer o apoio dos chefes do PSDB. Alckmin, para ganhar seu direito de candidatar-se a presidente da República pelo partido, rompeu o esquema do mandonismo do tucanato, de Serra, FHC. Os donos do tucanato foram, digamos assim, “detonados” pela base por Alckmin. Pela margem ele desmontou Serra e tornou-se candidato. Agora, é a hora da vingança. Os príncipes do tucanato estão deixando Alckmin como se ele fosse um camarão sobre uma chapa. Lentamente ele está sendo “fritado”. Repare que a campanha do Serra em São Paulo, que tem uma votação grande, não toca no nome de Alckmin. Imagino que, em outros estados, a coisa esteja parecida.

A apatia do eleitorado só é quebrada quando se ouve uma fala distinta como a de Heloísa Helena, cercando algumas questões centrais. Ela tem, com razão, enfatizado que a política de juros é uma das mazelas cruciais do Brasil. Não é só a política dos juros, mas outros também. Só que a política de juros condensa uma política econômica nefasta. A pena é que o PSOL tenha apenas alguns segundos para falar, enquanto PSDB/PFL e PT tenham muito mais tempo. Isso dá uma diferença grande.

*IHU On-Line* - Qual foi a pior herança do governo FHC? E do governo Lula?

Ricardo Antunes - A pior herança de FHC foi ter privatizado uma parte importante do que o getulismo tinha criado. FHC privatizou a indústria pesada, siderurgia, petroquímica. Um pouco disso veio antes de FHC, mas o principal foi feito nos anos 1990. Foi a privatização do capital produtivo estatal brasileiro. A pior herança do governo Lula é uma combinação de dois ou três elementos que também são continuidade de FHC: a privatização da previdência pública, a taxação dos aposentados, a liberação dos transgênicos e a introjeção dentro da alma do governo do PT, da política desenhada pelo FMI. Hoje o FMI cita o governo Lula como exemplo bem sucedido da América Latina. Isso é sinal de que alguma coisa vai mal...

Por fim, ambos governos são responsáveis pela política de levar a corrupção a todos os cantos do país. Com uma diferença. A corrupção sempre foi uma prática política da direita nesse país. Trágico foi ver “uma certa esquerda fora do lugar”, o PT, ter chafurdado na prática política

alegando que ela sempre existiu. O mínimo que esperávamos de um partido de esquerda era que ele recusasse peremptoriamente certas práticas da política tradicional. E o governo Lula foi prisioneiro de uma máquina que, além de vender a alma ao capital, sujeitou-se a práticas da política que a avassalaram. Basta dizer que o comando do PT e seu núcleo central estavam comprometidos. Quando você tem figuras como Palocci, Dirceu, Genoíno e tantos outros que caíram, você vê que a coisa avassalou o partido PT e seu governo.

*IHU On-Line* - Aproveitando a questão do FMI que o senhor mencionou, o que deve ser feito com a dívida externa? E seria possível governar o Brasil fora dos ditames de mercado, dos grandes interesses especulativos?

Ricardo Antunes - O desafio aqui é a força popular, tentando tomar medidas contrárias a esse receituário. Tomar medidas contrárias sem o apoio popular não dará certo. Por que o governo Chávez consegue tomar medidas? A primeira medida de impacto desse governo foi ter impedido a privatização da companhia de petróleo estatal venezuelana que já estava toda preparada para ser privatizada. O tom violento de reação a essa medida é que ele sofreu um golpe, um *locaute* (paralisação patronal) da empresa. Por que Chavez conseguiu vencer? Porque tem força popular. Por que Evo Morales conseguiu nacionalizar os recursos energéticos da Bolívia? Porque tem força popular. É possível dizer ao FMI que não vamos mais ceder? Até o governo Kirchner teve somente 7 milhões de votos no primeiro turno (estava em segundo em lugar, Menem em primeiro. Menem renunciou, não foi para o segundo turno porque sabia que iria perder, ou seja, Kirchner conseguiu do segundo lugar no primeiro turno se tornar presidente porque não houve segundo turno). Com uma votação pequena, ainda assim Kirchner teve uma relativa ousadia política e disse que 75% da dívida privada da Argentina para os bancos internacionais não deveria ser paga. Uma medida modestíssima. Isso significou que a Argentina vai acabar? Não. Esse país está crescendo de 7 a 8% ao ano, enquanto o Brasil tem metade disso, ou nem isso, ou menos. Mas nem algo parecido o governo Lula ousou.

Lula, paladino das políticas neoliberais

Lula tinha 53 milhões de votos ao seu favor, era uma grande votação, um capital político muito expressivo. Ele deveria ter chegado ao FMI e dito que era a hora de “arrumar a casa brasileira”, o momento de cumprir com a monumental dívida social que temos em relação ao povo brasileiro. Evidentemente o FMI iria ameaçar retaliações, mas daí teríamos a força de um país com 53 milhões de votos, a força popular. Lula, ao assumir as políticas que fez, tornou-se uma espécie de paladino do neoliberalismo, e com isso desarmou a força de resistência que nós tínhamos. De tal modo que hoje o FMI, o Banco Mundial, provavelmente estejam mais satisfeitos com a reeleição do Lula do que a de Alckmin. Isso também aconteceu na Inglaterra com relação ao Tony Blair. Retratos da velha direita que domina o mundo. E essa velha direita é a simbiose entre o sistema financeiro internacional e o grande industrial.

*IHU On-Line* - Quais considera que sejam os elementos fundamentais para traçar um projeto de desenvolvimento para o Brasil nos próximos anos?

Ricardo Antunes - Primeiro de tudo, desmontar essa engrenagem que atrela os governos à política do FMI. Isso quer dizer desmontar a política do superávit fiscal, desmontar a política de juros altos, essas verdadeiras “bombas”. Em segundo lugar, desmontar a política para exportação, e refundar o país. Como? Com uma política de recuperação substancial do salário mínimo, uma política de ampliação efetiva dos empregos, fazendo que o povo brasileiro, melhor remunerado, tendo emprego, possa ter uma vida cotidiana mais digna. Temos um mercado consumidor brasileiro do qual muitos estão excluídos pela precariedade dos salários e explosão do desemprego. Não precisamos depender do mercado externo para sobreviver. Temos que enfrentar a questão agrária de tal modo que o campo prioritariamente produzido por cooperativas, fazendas, de como os assentamentos do MST como estrutura mais coletiva possam produzir alimentos para a população urbana e rural.

## Precisamos de incentivo

Precisamos de incentivo em ciência e avanço tecnológico voltados para as necessidades do país. Não temos que ser meros importadores de tecnologia que não dominamos, mas temos núcleos de ciências nas universidades e institutos de pesquisa que teriam que ser incentivados. O segredo de tudo isso é a capacidade de perceber, criar as condições para o povo se movimentar. O que mais me impressiona positivamente, já estive duas vezes na Venezuela, nos últimos dois anos, é que o povo de lá está sendo desafiado a se *auto-organizar*, encontrar as alternativas para os seus desafios, não ter receio de tomar medidas que digam que seus inimigos são estes, o FMI, a política do império norte-americano, agressiva, os grandes interesses do capital, que ferem, que se enfeixam em seus feudos, em condomínios fechados, e cada vez mais faz uso de carros blindados. O próximo passo dos grandes capitais é andar de helicópteros blindados...

Precisamos enfrentar a questão da segurança no Brasil, que converte os presídios em amontoado de pessoas, que quando entram para esses locais vão fazer verdadeiros cursos de intensificação da atuação no crime. Tudo isso tem que ser enfrentado e precisamos de uma mobilização popular muito forte para tanto. Infelizmente, depois de vinte anos de lutas sociais, o governo Lula e o PT se tornaram completamente incapazes de fazer isso. O governo Lula gosta hoje do *agribusiness*, dos grandes congressos internacionais, está satisfeito com os altos lucros dos bancos e pensa que dar R\$ 50 para os pobres é dar garantia. Chico de Oliveira já nos mostrou isso e tem razão que a Bolsa Família é a despolitização da classe trabalhadora. É triste que um ex-líder operário, ao chegar ao poder, tenha implantado uma política de despolitização da classe trabalhadora. Temos que quebrar essas engrenagens, as mazelas brasileiras. Não temos que ter vergonha de dizer que o socialismo é um tema candente no século XXI.

## IHU On-Line - Qual é sua opção de voto e por quê?

Ricardo Antunes - Constatada a realidade de que PSDB e PT são os dois lados de uma mesma moeda, é preciso buscar uma alternativa. Isso só pode se dar num campo à esquerda do PT. Como conseguimos criar uma alternativa, no momento certo, e que hoje ganha impulso, vou votar na candidatura de Heloísa Helena, do PSOL, na frente de esquerda. Foi importante que os partidos de esquerda se juntassem. Não estamos trabalhando para sermos eleitos agora e cairmos numa política eleitoral. O PSOL está dizendo que é possível resistir àquela política tradicional e também à antipolítica, por isso meu voto é para o PSOL.